

Editorial

Luiz Fernando Reis¹
Solange de Fátima Reis Conterno²

Uma universidade pode ser afetada por vários tipos de pobreza. Não pode jamais ser pobre de esperança, carente de ousadia, desprovida de vontade (Amílcar Gigante, Reitor da UFPEL 1989-1992).

A comunidade universitária paranaense, desde o início do ano de 2015, está sendo atingida por uma série de ações do governo estadual que colocam em risco a já combalida autonomia das universidades e representam um ataque, sem precedentes, aos direitos dos docentes e técnicos já consagrados na legislação estadual, após muitos anos de lutas. Para agravar a situação, o governo federal tem aprovado um conjunto de “reformas” que significam um retrocesso histórico em termos de direitos sociais para aqueles que vivem de seu próprio trabalho.

Diante desse quadro, os três segmentos da comunidade universitária tem vivido um misto de sentimentos: da esperança ao conformismo, da reação organizada ao ceticismo. Entretanto, a história, sábia conselheira, nos ensina que a universidade, que se firmou na Europa no século XIII, enquanto instituição social responsável pela produção e disseminação do conhecimento científico tem sua trajetória marcada pela luta contra os detentores do poder que, desde a gênese das universidades, tentaram estabelecer rígido controle sobre a produção e disseminação do conhecimento.

Afinal que universidade queremos e que universidade não queremos? Essas questões filosóficas já foram temas de reflexões acerca da instituição no Brasil³. Para além da produção teórica, tais questões deveriam fazer parte das indagações daqueles que fazem a universidade cotidianamente e que vislumbram a possibilidade dessa instituição ter um papel decisivo na sociedade em que se está inserida.

Há tempo queremos uma universidade autônoma que possa desenvolver ciência na sua máxima expressão, que rompa a visão aparente das coisas, supere a mera descrição da realidade e assim contribua com a transformação, com a produção de uma nova realidade. Uma instituição que forme e transforme. Desenvolver ciência como produto de determinada visão de mundo, de escolhas políticas que se apoiam nas possibilidades intelectuais do pesquisador e do lugar ocupado por ele^{4,5}, sem necessariamente estar livre dos conflitos epistemológicos e políticos, pois opções e os compromissos científicos não são neutros, ao contrário são sempre engajados com um projeto

¹ Doutor em Políticas Públicas e Formação Humana pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Professor do curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste - Cascavel). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Política Educacional e Social (Geppes-Unioeste/CNPQ) e da Rede de Pesquisas Universitas/Br.

² Doutora em Educação, professora do curso de Enfermagem da Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Unioeste, Campus de Cascavel. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Práticas Educativas e Formação em Saúde.

³ Luckesi, C. C. et al. **Fazer Universidade: uma proposta metodológica**. 16. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

⁴ Kosik, K. **Dialética do concreto**. Tradução: Célia Neves e Alderico Toríbio, 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

⁵ Paulo Netto, J. Relendo a teoria marxista de história. In: SANFELICE, José Luiz; LOMBARDI, José Claudinei; SAVIANI, Dermeval (org). **História e História da Educação**. Campinas: Autores Associados, 2000, p. 50- 64.

social. Portanto, toda produção do conhecimento é produto histórico e possui vínculos com o processo de formação social, com dado contexto, é determinado pela inter-relação entre o material, o cultural, político e ideológico.

Queremos uma universidade democrática? Mas como seria uma universidade democrática? Teria a obrigação de ampliar as fronteiras do conhecimento socializando-o para além dos laboratórios e dos muros da instituição. Possibilitar aos sujeitos, que necessariamente não adentraram ou adentrarão na universidade, acesso aos resultados, aos produtos e aos instrumentos científicos produzidos por essa instituição. Será que as produções acadêmicas estão buscando soluções para os problemas sociais? Ou são apenas produtos a serem quantificados servindo como parâmetros para ranquear os pesquisadores em “produtivos” e “não produtivos”? Será que as teorias produzidas na academia têm sido lidas e utilizadas como ferramentas para os sujeitos entenderem e buscarem coletivamente soluções para os problemas sociais? Uma universidade democrática valoriza o processo de questionamento, inclusive, de suas práticas e produções.

A luta incessante pela manutenção da autonomia universitária, diante dos poderosos de plantão, se constitui historicamente como um princípio fundante e estruturante para que tais instituições possam cumprir sua missão institucional: a produção e disseminação do conhecimento científico, a formação socialmente qualificada e multidimensional (humana, técnico-profissional e ética) de profissionais de nível superior.

Atacar a autonomia das universidades é colocar em risco a razão de ser de tais instituições. Neste momento, a comunidade universitária está desafiada a conjugar, de forma articulada, os verbos opor e propor. Ao mesmo tempo em que, diante da inércia institucional, temos que nos opor a política governamental, que põe em risco o nosso futuro, temos que necessariamente propor um projeto de universidade alternativo: uma universidade pública autônoma, laica, gratuita e de qualidade socialmente referenciada, com financiamento público integral. Essa tarefa não é simples. Temos que contar com todos aqueles que compreendem a universidade não apenas como “local para ganhar dinheiro”, mas como *locus* privilegiado de produção da existência humana, da construção de uma sociedade melhor do que aquela que recebemos da geração anterior. Enfim, precisamos contar com todos aqueles que compreendem a universidade não apenas como “um local de trabalho”, mas especialmente como espaço de realização de sonhos individuais e coletivos, como espaço de exercício da liberdade, da criatividade, de realização plena das capacidades humanas: da razão, do afeto, do prazer, da solidariedade, dentre outros.

Estamos desafiados a romper a apatia, o formalismo acadêmico e o burocratismo institucional e lançarmos de forma criativa uma ampla campanha em defesa da universidade, instituição fundamental para a construção de uma sociedade em que a pessoa humana possa ter mais valor e importância do que as mercadorias. Para tanto, vamos precisar de toda a nossa esperança, ousadia e vontade. O momento é de resistência.